

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: O VALOR DA DIMENSÃO ÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Sandra Regina Mantovani Leite*¹
*Alonso Bezerra de Carvalho*²

Resumo: Neste artigo apresentamos como objetivo refletir sobre o valor de uma educação acolhedora e humanizadora no contexto da Educação Infantil, indicando o pensamento Aristotélico com contribuições valiosas para refletirmos sobre os problemas filosóficos e pedagógicos que envolvem a ação humana e consequentemente a ação pedagógica neste nível de ensino. Como metodologia, utilizamos a revisão bibliográfica, os textos escolhidos para esta revisão partiram de conhecimentos filosóficos numa perspectiva Aristotélica, fazendo o uso de autores que analisam o valor da relação entre a Educação e a Ética. A amizade como disposição do caráter, como virtude moral, auxilia as pessoas em suas ações e pensamentos, possibilitando o diálogo e favorecendo a reflexão e tem relevância no relacionamento entre os envolvidos no processo de ensinar e aprender. As práticas pedagógicas alicerçadas na Dimensão Ética reafirmam a necessidade de possibilitarmos às crianças um desenvolvimento integral, em que elas se sintam valorizadas como pessoas e valorizem o outro como pessoa, dessa forma torna-se essencial definir propostas pedagógicas concretizadas por meio de ações educativas que favoreçam o diálogo, a participação e a negociação. Quando o professor age com a função de afetar e de sensibilizar os envolvidos no projeto educativo em defesa da garantia dos direitos infantis possibilita o direito a uma educação de qualidade e humanizadora.

Palavras-chave: Educação infantil. Ética. Formação de professores.



¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

² Professor Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação em nível de Doutorado da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Marília. E-mail: alonsoprofessor@yahoo.com.br.

ORGANIZATION OF PEDAGOGICAL WORK: THE VALUE OF THE ETHICAL DIMENSION IN CHILD EDUCATION

Abstract: In this article we present the objective of reflecting on the value of a welcoming and humanizing education in the context of Early Childhood Education, indicating the Aristotelian thought with valuable contributions to reflect on the philosophical and pedagogical problems that involve human action and consequently the pedagogical action at this level of education. As a methodology, we used the bibliographic review, whose texts came from philosophical knowledge in an Aristotelian perspective, making use of authors who analyze the value of the relation between Education and Ethics. Friendship as a disposition of character, as moral virtue, assists people in their actions and thoughts, enabling dialogue and favoring reflection and has relevance in the relationship between those involved in the process of teaching and learning. The pedagogical practices based on the Ethical Dimension reaffirm the need to allow children an integral development, in which they feel valued as people and value the other as a person, so it is essential to define pedagogical proposals concretized through educational actions that favor dialogue, participation and negotiation. When the teacher acts with the function of affecting and sensitizing those involved in the educational project in defense of the rights of children enables the right to a quality education and humanizing.

Keywords: Child Education. Ethics. Teacher Education.

ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO PEDAGÓGICO: EL VALOR DE LA DIMENSIÓN ÉTICA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Resumen: En este artículo presentamos como objetivo reflexionar sobre el valor de una educación acogedora y humanizadora en el contexto de la Educación Infantil, indicando el pensamiento Aristotélico con contribuciones valiosas para reflexionar sobre los problemas filosóficos y pedagógicos que envuelven la acción humana y consecuentemente la acción pedagógica en este nivel de enseñanza. Como metodología, utilizamos la revisión bibliográfica, los textos escogidos para esta revisión partieron de conocimientos filosóficos en una perspectiva Aristotélica, haciendo el uso de autores que analizan el valor de la relación entre la Educación y la Ética. La amistad como disposición del carácter, como virtud moral, auxilia a las personas en sus acciones y pensamientos, posibilitando el diálogo y favoreciendo la reflexión y tiene relevancia en la relación entre los involucrados en el proceso de enseñar y aprender. Las prácticas pedagógicas basadas en la Dimensión Ética reafirman la necesidad de posibilitar a los niños un desarrollo integral en el que se sienten valorados como personas y valoren al otro como persona, de esa forma se vuelve esencial definir propuestas pedagógicas concretizadas por medio de acciones educativas que favorezcan el diálogo, la participación y la negociación. Cuando el profesor actúa con la función de afectar y de sensibilizar a los involucrados en el proyecto educativo en defensa de la garantía de los derechos infantiles posibilita el derecho a una educación de calidad y humanizadora.

Palabras clave: Educación Infantil. Ética. Formación de Profesores.

Introdução

Considerando o homem um ser histórico, em constante processo de mudança e em devir, a sua ação deveria ser uma prática intencionalizada, com objetivos e fins e, portanto, com condições de desenvolver uma consciência subjetiva que medeia sua intencionalização, sendo “essa consciência capaz de elaborar sentidos e de sensibilizar-se a valores.” (SEVERINO, 2005, p. 147). A ação pedagógica, como prática intencionalizada, traz em seu bojo o intuito de possibilitar uma mudança, seja em qualquer grau, de um grupo ou até mesmo de um único indivíduo. Dessa forma, quando falamos em ação pedagógica estamos falando em ação humana, sendo que não podemos correr o risco de pensarmos na Pedagogia e nas suas formas de ação apenas como meros receituários, reduzindo o fazer do professor a técnicas e instrumentos que somente reproduzem práticas anteriores e que sustentavam a aprendizagem das crianças de forma mecânica.

Concordamos com Dalbosco (2003), que apresenta a relação entre a ação pedagógica e ação humana e indica o pensamento Aristotélico com contribuições valiosas para refletirmos sobre os problemas filosóficos e pedagógicos que envolvem a ação humana e, conseqüentemente, a ação pedagógica.

Ao tratar da ação humana, Aristóteles teve o mérito de justificar uma distinção entre dois tipos de racionalidade, a da práxis e a da poiésis, que, segundo penso, se demonstram extremamente válidas ainda hoje para se pensar problemas filosóficos e pedagógicos. Da poiésis deriva um tipo de ação que ele denomina de ‘fazer’ ou ‘produzir’; da práxis, por sua vez, uma ação denominada de ‘agir’, embora ambos os tipos de ação sejam orientados teleologicamente, ou seja, são ações que se deixam orientar pela relação meio-fim, Aristóteles deixa claro que não são a mesma coisa [...]. (DALBOSCO, 2003, p. 52).

A ação pedagógica é guiada pela práxis, pois as ações realizadas pelo homem/professor/educador apresentam como objetivo a própria ação, agir é uma finalidade em si, ou seja, para Aristóteles a ação humana guiada pela práxis tem como fim absoluto a boa ação. “Por práxis, entende-se a sua prática real, atravessada pela intencionalização subjetiva, ou seja, pela reflexão epistêmica, elucidante e esclarecedora, que delinea os fins e o sentido da ação.” (SEVERINO, 2005, p. 144). Assim ao realizarmos uma ação contribuimos para a continuidade da história, pois qualquer perspectiva de finalidade necessita de nossas escolhas e do nosso modo de

agir histórico. Não existe nada pronto e acabado. Dessa forma, a Ética apresenta íntima relação com a ação pedagógica, pois ao realizarmos, enquanto educadores, os projetos, as escolhas, ao atuarmos junto às crianças, aos adolescentes e adultos, estamos nos humanizando e possibilitando a humanização do outro.

Aristóteles e o Caminhar Pedagógico

Com o intuito de adentrar nas contribuições de Aristóteles para a educação, iniciamos com alguns pontos relevantes sobre Platão e seu entendimento de projeto educativo para a Grécia, haja vista que foi na Academia de Platão, que Aristóteles permaneceu durante 20 anos, se dedicando exclusivamente à pesquisa e ao ensino. Aristóteles manteve-se sempre como um membro leal à Academia, por isso a relevância em apresentarmos um pouco sobre a conceituação pedagógica de Platão, objetivando entendermos o desenvolvimento em Aristóteles.

Na Antiguidade Grega, a educação começava aos sete anos, antes disso as crianças se ocupavam com jogos educativos. Conforme Cenci (2012), Platão como também Aristóteles, opõe-se ao entendimento de ginástica como competição, atribuindo um papel educativo a esta, equivalendo-a à cultura intelectual, sendo que o homem precisava harmoniosamente se desenvolver com o corpo e com o espírito. Tanto a música como a prática da ginástica precisava ser equivalente, sendo que o exercício prioritário da ginástica tornava os indivíduos grosseiros e a exclusividade da música torna os indivíduos moles. O homem educado é capaz de cantar e dançar, além de estar inserido aos aspectos espirituais da cultura.

Embora a tendência da época, numa educação tradicional, ressaltava a cultura das letras tendo como orientação fundamental “levar as crianças a ler e escrever para depois estudarem os autores clássicos integralmente ou textos selecionados” (CENCI, 2012, p. 18), Platão valorizava a música colocando-a em lugar de honra. Por meio da educação musical, o homem pode conhecer a temperança, a coragem, a generosidade, engrandecendo sua alma, virtudes importantes para os filósofos gregos.

As matemáticas também apresentavam relevância para Platão. As crianças iniciavam o estudo por meio de jogos, valorizando o interesse da criança pela brincadeira. Cenci (2012, p. 19) ressalta a seguinte frase de Platão na obra A

República: “[...] não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de estares mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada um.” No longo processo educativo, entendido por Platão, a preocupação final estava em preparar o homem para estudos superiores e para a matemática, que envolviam um alto grau de abstração, utilizado durante todo o processo a contribuição das letras, da física e das artes. Segundo Cenci (2012, p. 20), o processo educativo era longo, complexo e envolvia vários ciclos,

O primeiro se dá na família (3 aos 6 anos); o segundo é o dos estudos primários (6 aos 10 anos); o terceiro é o dos estudos secundários (10 a 17/18 anos: dos 10 aos 13 estudos literários; dos 13 aos 16, estudos musicais); o quarto é a efebria, o período do serviço militar em que os estudos intelectuais são temporariamente interrompidos (17/18 aos 20 anos). Por fim, há o período dos altos estudos (dos 20 aos 30 anos), que exige a continuidade do estudo das ciências num nível superior em que o estudioso deve habituar-se aos poucos a uma visão de conjunto delas. É somente aos 30 anos que se poderá tratar da dialética, o método propriamente filosófico, o que demandará ainda cinco anos de dedicação. Para ficar perfeita, a cultura do filósofo necessitará ainda da participação na vida ativa da cidade por 15 anos para adquirir experiências e completar sua formação moral. Por essa razão são necessários 50 anos para que tal processo alcance seu objetivo pleno, ou seja, são necessários 50 anos para se formar um homem.

Esse entendimento quanto ao processo pedagógico e a tamanha exigência para se formar o homem se apresentava como um grande desafio para a época, assim esse programa acabaria por formar apenas um grupo de filósofos-governantes, deixando a sociedade ateniense sem perspectivas para aplicá-lo na prática. (CENCI, 2012). Adentrando em Aristóteles temos um modelo educativo pouco delineado, citando o segundo livro da *Ética a Nicômaco*, temos que:

Com efeito, a excelência moral relaciona-se com prazer e sofrimento; é por causa do prazer que praticamos más ações, e por causa do sofrimento que deixamos de praticar ações nobres. Por isso, como diz Platão, deveríamos ser educados desde a infância de maneira a nos deleitarmos e de sofrermos com as coisas certas; assim deve ser a educação correta. (ARISTÓTELES, 2014, p. 34).

São poucos os escritos sobre projeto de ensino de Aristóteles (2014), em alguns momentos o que aparece é uma simples continuidade da tese platônica, vista anteriormente, considerando as duas décadas que permanece na Academia de Platão, o que se sobressai com toda certeza é a ideia central do bem viver (*Eudaimonia*).

A educação na época de Aristóteles deparava-se com uma crise pedagógica. Atenas encontrava-se mergulhada em dúvidas sobre como proceder com relação aos mais jovens, o Estado desinteressara-se pela educação pública, deixando que as famílias decidissem sobre o quê e como ensinar e o espírito de lucro se sobressaía sobre o sentido cívico, influência do sofismo. Assim, a educação passara a ter um cunho utilitarista não se preocupando com a formação integral do cidadão, “cada um vivia e educava seus filhos como bem entendesse, de modo que os jovens cresciam divididos ao invés de estarem unidos na busca de um ideal comum.” (CENCI, 2012, p. 29).

Aristóteles aponta uma alternativa para a crise educativa do momento, diferenciando seu projeto dos moldes da educação espartana que priorizava características guerreiras como virtude. O seu projeto, embora pouco delineado, reforçava aspectos filosóficos e políticos para a formação do cidadão, sendo que para Aristóteles, “a escola quando desvinculada das finalidades da cidade e de seus ideais comuns, não sabe mais o que e como ensinar.” (CENCI, 2012, p. 29). Nesse sentido, o objetivo central do pensamento Aristotélico era desenvolver uma reflexão política que possibilitasse a construção das cidades e do cidadão de uma mesma forma, já que para ele, como já dito anteriormente, a natureza do homem só pode ser efetivada na polis.

Assim, a educação Aristotélica objetivava um ideal humanista, com valores, virtudes e formação moral numa aspiração pelo desenvolvimento integral que seria conquistado pela cultura. Segundo Hourdakís (2001), Aristóteles era um pedagogo realista que questionava o conhecimento e que situou todo o seu pensamento sobre a educação na busca da felicidade da sociedade e do indivíduo. Assim, corroborando com as ideias desse autor, entendemos a teoria de educação aristotélica como atual, posto que “propõe uma pedagogia conforme à natureza para toda a vida e uma pedagogia a respeito da paz e do tempo livre.” (HOURDAKIS, 2001, p. 12). Essa ideia busca um homem que participe ativamente da vida da sociedade, portanto político, com capacidade criadora e acredita no processo de progressão do homem, partindo do seu estado natural, na infância até o raciocínio, por intermédio do hábito.

Se a educação pode ser concebida em Aristóteles como a arte de colocar o prazer a serviço do bem, ela deve orientar os jovens no sentido de equilibrar o prazer e o sofrimento, [...] o que está na base da dimensão ética da educação é a premissa antropológica de que os homens tendem a buscar o prazer e a evitar o sofrimento. (CENCI, 2012, p. 41).

Demostramos, até este momento, que Aristóteles também dedicou tempo para pensar em atualizar o processo pedagógico no seu contexto, sendo que toda a sua contribuição para a educação priorizou como ideia principal o bem viver (Eudaimonia), numa perspectiva que favorecesse a atuação do homem contemplando a Ética e a Política. Passamos agora a pensar a intencionalidade da ação do professor, reiterando a Ética Aristotélica nessa ação pedagógica.

A Ética e sua Função Pedagógica

Para Aristóteles, a póiesis é a ação do homem na produção de um fim que existe para determinada função, um exemplo disso seria a ação humana na construção de uma casa, que existe para ser habitada, “a ideia aqui é de que a obra deve servir para um determinado emprego da mesma.” (DALBOSCO, 2003, p. 52). Assim, podemos perceber a diferença entre a concepção de ação pedagógica guiada pela práxis, já que esta se preocupa com a própria historicidade humana, íntima da relação entre as pessoas e, portanto, em compromisso com a Ética, que almeja a liberdade na escolha dos meios para se chegar à boa ação.

Nesse sentido, o destaque da ação pedagógica em caminhar para a conquista da Eudaimonia, parte do próprio conceito,

A eudaimonia é o modo de vida mais elevado a ser almejado pelo ser humano. É o ápice do que pode ser aspirado pelas possibilidades humanas, o que significa que não há nenhum bem para além dela. Tudo o que for considerado valioso para o desenvolvimento da vida humana deve ser definido tomando-a como parâmetro. [...] O seu alcance, todavia, depende do cultivo da alma mediante a virtude, algo diretamente vinculado ao processo educativo (CENCI, 2012, p. 48).

Por meio da educação podemos alcançar o desenvolvimento da virtude moral, que não surge no homem de forma natural, mas sim pela força do hábito. Sabendo que Aristóteles distingue duas espécies de virtudes: a intelectual e a moral.

A virtude intelectual é alcançada por intermédio do ensino e requer experiência e tempo. Com o desenvolvimento da virtude intelectual, o homem tem a possibilidade de chegar ao conhecimento da ciência (episteme) e da arte (techne). Diferentemente, a virtude moral é alcançada por meio de ações. Assim, segundo Hourdakís (2001) para o homem ser bom precisa ser bem educado e adquirir bons hábitos, por meio do

exercício, vivendo de forma a realizar sempre boas ações, preservando seu espírito. Cultivando a virtude por meio da intimidade desde a infância, com atividade e esforço. Como qualidade da alma, sua essência consiste na manutenção do justo meio (mesotês), sendo este o equilíbrio perfeito entre duas paixões contrárias. Dessa forma, a virtude no que se refere a sua essência é um justo meio, mas no que concerne ao melhor ou pior precisa ser vista como extremo.

Portanto, a ação pedagógica ao contemplar a virtude moral, possibilitando ao educando práticas que favoreçam o desenvolvimento afetivo, que valorize a pluralidade, que entenda o outro como pessoa, potencializa desde a infância a constituição histórica da humanidade, a humanização e a caminhada para o bem viver.

Nesse sentido, alcançar o bem viver por meio da virtude moral também nos apresenta a importância da mediania ou meio-termo, que é a forma de encontrar e preservar a virtude nas nossas ações, “não pode haver virtude nem caráter virtuoso onde há excesso ou falta. A virtude implica mediania, o meio-termo entre dois extremos.” (CENCI, 2012, p. 50).

O meio-termo não pode ser entendido simplesmente como uma régua, uma linha em que a proporção métrica e aritmética dá conta de encontrar o ponto médio entre dois extremos. A mediania ou o meio-termo tem que ser analisado, tendo em vista que faz parte de uma reflexão, no dizer de Aristóteles “em relação a nós”, no sentido de encontrar e preservar a virtude moral e apresenta relação com as emoções e ações realizadas pelo ser humano, sendo situações em que a falta, o excesso e o meio-termo acontecem.

Dois elementos são estabelecidos aqui pelo próprio Aristóteles no tocante ao meio-termo e à virtude moral. Primeiramente, a média indicada pela virtude deve ser determinada por nós e não pode ser extraída de um objeto da maneira direta como podem ser obtidas outras classes de medidas. Em segundo lugar, esse meio-termo terá de ser diferente quando as situações forem distintas. (CENCI, 2012, p. 51).

Assim, o que em uma situação pode ser entendida como mediania, em outra realidade precisa de outra análise e outra reflexão levando em consideração as variáveis e condições em que a mesma acontece. Embora, parafraseando Cenci (2012), o “meio-termo em relação a nós” tenha de ser classificado de duas formas: ele não é ‘único nem o mesmo para todos’ e também pode ser ‘único e o mesmo em relação a

todos os homens', ou seja, existe uma margem em que a razão relacionada com a inteligência prática encontra o meio-termo, sendo que para tanto a alma é direcionada pela razão buscando orientar as variáveis e as escolhas do agente, que precisam estar de acordo com a razão e com o desejo, ou seja, como pessoa, necessito escolher de acordo com aquilo que é certo e com aquilo que seja desejável.

Ressaltamos que o meio-termo diz respeito aos sentimentos, paixões e ações, como também a falta e o excesso, os quais se relacionam com a dimensão humana. Dessa forma, quando falamos em ações humanas que se orientam pelo meio-termo, encontramos ações que são dirigidas pelo equilíbrio; portanto, quando caracterizamos a virtude moral, temos, pois ações que orientadas pela alma (sentimentos e emoções) direcionadas para alcançar o equilíbrio (meio-termo) são orientadas pela razão. Segundo Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, a virtude moral pode ser assim entendida,

[...] uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. É um meio-termo entre dois vícios ou há falta ou há excesso daquilo que é conveniente no que concerne às ações e às paixões, ao passo que a virtude encontra e escolhe o meio-termo. Portanto, acerca do que ela é, isto é, qual é a definição da sua essência, a virtude é uma mediania, porém com referência ao sumo bem ao mais justo, ela é um extremo. (ARISTÓTELES, 2014, p. 40).

Agir de modo virtuoso é extremamente difícil, já que envolve uma relação entre o desejo (*orexis*) e a razão (*logos*) buscando encontrar o meio-termo, que seria o ponto ideal da ação para cada caso e realidade. Agir de forma virtuosa faz com que as pessoas envolvidas na ação analisem cada caso e as ações e sentimentos adequados àquela situação, sendo que atingir a mediania, o ponto ideal, pode ser entendido como um extremo para aquela situação, a melhor coisa a se fazer. Agir e sentir de forma certa, “em relação aos objetos e às pessoas certas, e pelo motivo e da maneira certa, nisso consistem o meio-termo e a excelência característicos da virtude.” (ARISTÓTELES, 2014, p. 39).

O alcance do meio-termo e da virtude moral por meio das ações acontece com aqueles agentes que usam da *phrónesis*, que é a virtude do discernimento. Esta possibilita a escolha correta no agir, sendo o agente da ação prudente e seguindo a

reta razão. O discernimento como virtude possibilita a boa escolha, o agente (educador/professor/pessoa) precisa refletir, buscando a mediania, em cada circunstância da ação para ter uma avaliação correta. Considerando o trabalho do educador na ação pedagógica, entendemos que a virtude moral encontra meios para se efetivar por meio da dimensão ética. “Agir virtuosamente resulta da prática de ações reiteradas em conformidade com a virtude e demanda agir consciente, voluntariamente e com firmeza de caráter.” (CENCI, 2012, p. 57). A virtude está no centro da Ética e da Educação, dessa forma realçamos, que o agente virtuoso é aquele que realiza suas ações de forma consciente, sabendo o que está fazendo e por que está fazendo, por meio de escolhas acertadas e intencionalmente pensadas.

Embora com consciência sobre o quanto seja significativo o agir virtuoso, atuamos de forma descompromissada, agimos, pois, em busca do prazer. Por meio da prática educativa precisamos aprender a administrar os nossos desejos e equilibrá-los com a nossa razão.

A educação para Aristóteles tem como um dos seus objetivos principais a organização dos desejos para que as ações boas alcancem prazer enquanto as ações más, o sofrimento. “Como os prazeres e o sofrimento não estão determinados pela natureza, podem ser organizados pelo hábito e pela prática bem orientada das ações humanas, pela educação, portanto, e é em função deles que os homens atuam bem ou mal”. (CENCI, 2012, p. 58).

O prazer é um sentimento que acompanha o ser humano desde que nasce, assim, por meio de bons hábitos, o cultivo do bom caráter é uma difícil tarefa, que só acontecerá com a Educação. As escolhas do agente da educação são difíceis, pois por meio das suas ações, possibilidades diferentes são indicadas para os educandos. Ressaltamos que tudo aquilo que precisa ser escolhido e proposto aos demais precisa de uma organização e planejamento anterior, uma reflexão acertada entre os prós e contra da ação pedagógica a ser realizada.

O papel do educador é, pois orientar o educando a executar ações em consonância com determinados atos, pois o habituar-se a praticar determinadas ações virtuosas cria as condições para que, com o tempo, desapareça o sofrimento e este dê lugar ao prazer na prática de tais ações. O prazer tem um papel fundamental para a aquisição da virtude moral. Ele é um meio da ação educativa que complementa o hábito, pois o acompanha e é seu indício. Como a ação mais completa é, ao mesmo tempo, a que dá

maior prazer e agrado, chega um momento em que a facilidade em realizá-la e a satisfação que ela gera ao agente fazem desaparecer todo o caráter coativo. Isso faz com que permaneça o hábito arraigado na forma de uma disposição permanente. Aristóteles acredita que isso faria com que o agir mal aparecesse ao sujeito como pouco atraente, contrário à razão e desagradável em sua realização. (CENCI, 2012, p. 61).

O prazer alcançará individualmente e também de forma coletiva quando se está junto daqueles que gosta, as pessoas que têm sentimentos próximos, aqueles que podemos chamar de amigos. A prática da amizade como virtude é uma possibilidade de aprender com os outros, relacionando-se em busca de ações virtuosas, a julgar que para Aristóteles a noção de educar a infância está ligada a noção de educar para o bem viver, sendo que as virtudes do caráter não podem ser ensinadas teoricamente e sim pela força do hábito.

A relação indissociável entre educação e virtude tem por base o solo da práxis humana. O sujeito para ser educado tem de sê-lo mediante a virtude. Trata-se de uma educação orientada por uma racionalidade prática que tem como referência o caráter contingente da ação humana. (CENCI, 2012, p. 61).

Encontramos o valor do relacionamento entre professor-criança e criança-criança com práticas que favoreçam a aprendizagem da virtude moral, já que o saber ético parte de conceitos e associações com caráter prático. Uma dessas importantes virtudes é a Amizade. Sobre a virtude como amizade para o alcance da Eudaimonia trataremos a seguir, pontuando sua importância para a fase inicial da infância.

A Ética e Amizade: Arte do Bem Viver

Para Aristóteles, as emoções se articulam com a sabedoria prática e favorecem um enfrentamento racional nas novas situações. As pessoas que se utilizam das emoções, por meio de uma deliberação prudente, enfrentam os problemas cotidianos de maneira emocionalmente apropriada. Assim, podemos ressaltar que o agir ético corresponde a um exercício da alma, continuado e cotidiano. Remeter-se ao hábito requer primeiramente valorizar a formação e a atuação do educador, priorizando o relacionamento com os outros como meio para alcançar seus objetivos em busca da emancipação humana, com isso ressalta-se que a dimensão pedagógica desabrochada pela força do hábito a qual requer uma formação compromissada e consciente. Nas palavras de Cenci (2012, p. 63),

A ética vincula, pois, um tipo de racionalidade específica, a racionalidade da práxis, e tem como centro as virtudes. Como se não bastasse, a formação do sujeito mediante a ação é central para a concepção educativa de Aristóteles. Como a virtude é produto do hábito e, pois, de exercício a ser levado adiante reiteradamente pelo próprio sujeito e não de instrução, a dimensão ética não pode ser inserida de fora para dentro no processo educativo.

Nesse sentido, priorizando a dimensão ética para a formação humana, lembramos que para Aristóteles (1987) as emoções têm um sentido para o bem viver, contribuindo para a vida cheia de virtudes.

Emoções como o medo, contêm uma intensa consciência intencional de seu objeto, apoiada em crenças e juízos e a angústia e o sofrimento que provocam não são independentes do juízo, mas resultam dele. A crença é, assim, constitutiva da emoção, de tal modo que, se mudam as crenças e o juízo, pode-se esperar que mude o sentimento. (HERMANN, 2008, p. 23).

É na relação social, na relação com os outros que a ética se desenvolve, ou seja, não se forma o ser ético apenas pelo conhecimento. A Ética fala ao espírito e à alma, só pode ser reconhecida quando praticada; logo para se tornar bom, para ser um homem bom, é preciso praticar atos bons.

Nesse sentido, a amizade como disposição do caráter, como virtude moral auxilia as pessoas em suas ações e pensamentos, possibilitando o diálogo e favorecendo a reflexão.

Na perspectiva aristotélica, mais que um desejo, a amizade é uma paixão, ou seja, uma tendência implantada na natureza humana e um movimento da alma que está inscrito em nosso aparelho psíquico e que não podemos deixar de sentir e experimentar. É por meio dessa paixão que é produzido em nós o desejo de viver juntos. (CARVALHO, 2013, p. 129).

Segundo Carvalho (2015), este desejo se constitui como uma ética da proximidade, em que como seres humanos saímos da nossa pequenez, do nosso egoísmo para avançarmos na valorização do outro. Andar juntos, conviver, interpelar o outro sem sobrepor-se, sem anular sua condição de homem, capaz de criar e interagir. A *philia*³ inclui todas as formas de atração que um ser humano pode ter em relação ao

³ *Philia* retirado do tratado de Ética a Nicômaco de Aristóteles. O termo é traduzido como "amizade". Aristóteles diz que a *philia* é necessária como um meio para atingir a felicidade "ninguém escolheria viver sem amigos mesmo se tiver todos os outros bens".

outro, como exemplo o amor dos pais pelos filhos, do marido pela esposa, do amigo em relação ao semelhante, se resume em querer para alguém aquilo que é bom para o outro, sendo feitas por causa desse outro. (RAMOS, 2011).

Quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que mesmo os justos necessitam também da amizade; e considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma espécie de amizade. A amizade não é apenas necessária, mas também nobre, pois louvamos os homens que amam os seus amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos. Ademais, pensamos que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa (ARISTÓTELES, 2014, p. 164).

Para Aristóteles a Amizade ganha um estatuto bastante elevado na produção de escolhas acertadas, o seu exercício estrutura o próprio ideal de autonomia. Como diria Ramos (2011, p. 43) “a amizade é, pois, uma condição essencial para a realização da felicidade. Sem ela o homem carece de algo que é necessário para a sua realização na convivência humana.” Para tanto, segundo Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, existem três espécies de amizade, diferenciando-as somente pelo fim visado: aquela dirigida ao bem, ao agradável e ao útil.

Portanto, há três espécies de amizade, em número igual às coisas que merecem ser amadas, uma vez que uma afeição mútua, conhecida pelas duas partes, pode se basear em cada uma das três qualidades, e os que amam desejam bem uma ao outro com referência à qualidade que fundamenta sua amizade. Aqueles que fundamentam sua amizade no interesse, amam-se por causa de sua utilidade, por causa de algum bem que recebem um do outro, mas não amam um ao outro por si mesmos. O mesmo pode se dizer a respeito dos que amam por causa do prazer; [...] os que amam as outras por interesse, amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam em razão do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não porque o outro é a pessoa amada, mas porque ela é útil ou agradável. É por isso que tais amizades se desfazem facilmente, pois se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la. [...]. Dessa forma, quando desaparece o motivo da amizade, esta se desfaz, pois existia apenas como um meio para chegar a um fim. (ARISTÓTELES, 2014, p. 166).

A amizade que se fundamenta na utilidade busca o que é vantajoso, por isso é acidental e se desfaz facilmente como ressalta Aristóteles. Não tem a ver com a pessoa do outro e sim com o que ele pode propiciar ao outro, com isso as motivações para que aconteça a relação entre os pares é totalmente extrínseca. A amizade ideal e

perfeita, considerada por Aristóteles, é aquela fundamentada na virtude e na bondade.

A amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos. Dessa forma, aqueles que desejam o bem aos seus amigos por eles mesmos são amigos no sentido mais próprio, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não por acidente. [...] E cada uma dessas pessoas é boa em si mesma e para seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e reciprocamente úteis. [...] essas pessoas são também agradáveis, pois os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, uma vez que a cada um suas próprias atividades são motivo de prazer, e as ações dos homens bons são as mesmas ou parecidas. Uma amizade assim, como seria de se esperar, é permanente, visto que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. (ARISTÓTELES, 2014, p. 167).

Ramos (2011) afirma que, o caráter de reciprocidade entre iguais torna a amizade uma virtude ético-política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade. Nesse sentido, entendendo a importância da educação escolar na vida das pessoas, principalmente na vida das novas gerações, ressaltamos o quanto a dimensão ética e a valorização do sentimento de amizade na prática pedagógica poderão possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano e das relações humanas que fazem parte do processo educativo.

Para que a conquista da *Eudaimonia* aconteça na vida humana, relacional e em comunidade a mesma deve acontecer entre justos e cidadãos.

A amizade é uma comunidade, em que os sentimentos que temos por nós mesmos, temos por um amigo. Como desejamos a nossa própria existência, desejamos a de um amigo e a consciência de sua existência se atualiza concretamente graças a essa vida em comum. (ARISTÓTELES, 1987, p. 79-80).

Consideramos que a base da amizade é a igualdade, pois como cidadãos, faz-se necessário privilegiar e valorizar a igualdade. O oposto desta relação é o autoritarismo nas relações humanas, em que apenas uma vontade é levada em consideração, sendo que as demais vontades e emoções são a esta subjugada como de menor valor ou menor importância.

Portanto, a amizade e a cidadania se aproximam devido ao elemento necessário a sua realização, isto é, à vida em comunidade, bem no estilo das relações familiares. Experimentar a amizade é considerar a possibilidade de uma vida justa e virtuosa, fundada no compartilhar do que é agradável, no desejo de fazer bem ao outro e de se exercitar na direção de atitudes não baseadas nos interesses individuais, fonte de conflitos permanentes, mas nos colocando como membros de uma comunidade, como pertencentes a uma coletividade. (CARVALHO; COLOMBANI, 2010, p. 9).

Na Educação Infantil, afirmamos que o professor por meio da sua atuação com práticas que valorizam o educar e o cuidar proporciona habilidades, conhecimentos e experiências que contribuem para o desenvolvimento pleno da criança. A organização do trabalho pedagógico fortalecido pela dimensão ética tem como foco o outro e o relacionamento entre os pares que contribui para a educação democrática, em busca de uma prática pedagógica que priorize a humanização da criança, sujeito de direitos e entendida como cidadã.

Na organização do trabalho pedagógico, na Educação Infantil, o professor planeja e organiza o trabalho pedagógico no sentido de priorizar o desenvolvimento integral da criança, como também com ações interativas proporciona a criação de vínculos, o acolhimento do outro apesar das diferenças, a construção de conhecimentos culturais e atitudes sociais.

Assim, desde a primeira etapa da Educação Básica, reafirmamos que por meio da amizade o homem tem a chance de viver com os outros e para os outros e nessa relação de amigos se pode crescer, viver bem e para o bem, nos corrigirmos e sermos exemplos para os outros, confirmando a máxima: *é dos seres virtuosos que aprendemos a virtude*. (CARVALHO; COLOMBANI, 2010).

Ainda, conforme Carvalho (2013), a amizade segundo Aristóteles, no livro VIII da *Ética a Nicômaco*, pode se inserir como aquela que existe e que envolve uma desigualdade entre as partes, na relação professor e aluno, “por exemplo, a amizade entre pai e filho, e em geral a amizade entre uma pessoa mais velha e a mais jovem, a amizade entre marido e mulher e em geral a amizade entre quem manda e quem obedece.” (ARISTÓTELES, 2014, p. 172).

Nessa relação de amizade que envolve a utilidade, “cada parte, portanto, não recebe a mesma coisa da outra, e nem deveria pretender isso.” (ARISTÓTELES, 2014,

p. 172). São amizades que envolvem a desigualdade, embora a igualdade – característica essencial da amizade – seja alcançada por meio do retorno de amor que cada parte recebe de acordo com seu merecimento.

Considerações Finais

Para as crianças da Educação Infantil, o desejo de ficar com o professor tendo-o como amigo, como mestre e como exemplo, no sentido de que este educador tenha significado para elas e crie vínculos afetivos com as mesmas, reforça a ideia de que mesmo nas instituições escolares a amizade pode ser cultivada na relação professor - criança e nas relações entre as crianças.

Ademais, os homens desejam bem àqueles que amam por eles mesmos, e não em razão de um sentimento, mas de uma disposição de caráter. Aqueles que amam um amigo amam o que é bom para si mesmo, pois o homem bom, ao tornar-se amigo, torna-se um bem para o seu amigo. Cada qual, então, ao mesmo tempo que ama o que é bom para si, retribui desejando bem e proporcionando prazer ao amigo na mesma medida. (ARISTÓTELES, 2014, p. 170).

Dessa forma, ressaltamos a relevância da dimensão ética, da amizade, do relacionamento entre os envolvidos na organização do processo pedagógico para que o desenvolvimento da criança aconteça de forma plena, por meio de uma educação de qualidade. A autoridade do professor não é questionada, pois a mesma é construída por meio do vínculo. O diálogo é utilizado como instrumento num processo formativo. “Sabemos que as crianças que ainda não amadureceram sua competência comunicativa não podem participar no sentido puro e restrito de um discurso, mas podem ser educadas numa perspectiva comunicativa e dialógica.” (HERMANN, 2014, p. 101) O professor da Educação Infantil pode e consegue trabalhar com o desenvolvimento da criança como uma parceira para o alcance dos objetivos.

É desta maneira, mais do que qualquer outra, que até as pessoas desiguais podem ser amigas, pois é possível estabelecer-se uma igualdade entre eles. [...] eles, mantêm-se fiéis um ao outro e não solicitam e nem prestam serviços degradantes, mas, ao contrário, pode-se dizer que um afasta o outro do mal, pois é uma característica dos homens bons não fazer o mal eles próprios, nem permitir que seus amigos o façam. (ARISTÓTELES, 2014, p. 170).

Na relação entre amigos, entre pessoas que querem o bem do outro podemos alcançar na ação pedagógica momentos de interação produtiva, que exigem a abertura para alteridade, para a valorização do outro e das suas vivências, situações estas que não estão relacionadas somente com a dimensão cognitiva do aprender. Ao contrário, segundo Hermann (2014), envolvem a sensibilidade e as emoções, interpretações, imaginação e corporeidade.

As práticas pedagógicas alicerçadas na Dimensão Ética reafirmam a necessidade de possibilitarmos às crianças um desenvolvimento integral, em que elas se sintam valorizadas como pessoas e valorizem o outro como pessoa, torna-se essencial definir propostas pedagógicas concretizadas por meio de práticas educativas que favoreçam o diálogo, a participação e a negociação. Sobretudo, práticas pautadas em valores que proporcionem às crianças direito de expressar seus pontos de vista, de ter voz e vez, com possibilidades de compartilhar ideias, experimentar o mundo, transformando a Instituição de Educação Infantil um espaço de comunicação, de apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, de humanização.

Recorremos a Hermann (2014), aproximando a ação pedagógica à uma experiência ética que valorize a alteridade, faremos do Centro de Educação Infantil um espaço que proporciona a alteridade e o diálogo, a emancipação e a cidadania, reconhecendo o outro como capaz de dialogar, sujeito que tem direito de escolha, garantindo que todos sejam ouvidos, respeitando os diferentes pontos de vista, valorizando a pluralidade nas produções infantil e acima de tudo proporcionando a criança um ambiente em que a expressão de sentimentos e pensamentos seja o objetivo para se chegar à função social da escola.

Com base nessas premissas, o professor age com a função de afetar e de sensibilizar os envolvidos no projeto educativo em defesa da garantia dos direitos infantis, dentre os quais direito a uma educação de qualidade e humanizadora. O professor, além de competente, atenta-se e toma conhecimento dos elementos que compõe a sua prática pedagógica, para melhor saber articulá-los e, assim, contribuir efetivamente para a apropriação de conhecimentos propulsores de desenvolvimento integral na infância.

Referências

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. II. (Coleção os Pensadores).
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 6. ed. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de. A relação professor-aluno e a amizade na sala de aula: por uma outra formação humana na escola. *Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 169, p. 23-33, jun. 2015.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de. *A sala de aula e a relação professor-aluno: paixão, ética e amizade na prática pedagógica*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de; COLOMBANI, Fabiola. Filosofia e educação: amizade na sala de aula. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO. Pró-reitoria de Graduação (Org.). *Caderno de formação*. Formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. v. 2, p. 60-73.
- CENCI, Angelo Vitório. *Aristóteles & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DALBOSCO, Claudio Almir. Considerações sobre a relação entre filosofia e educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique. *Filosofia, educação e sociedade*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 37-60.
- HERMANN, Nadja. Ética: a aprendizagem da arte viver. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 102, p. 15-32, jan./abr. 2008.
- HERMANN, Nadja. *Ética e educação: outra sensibilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)
- HOURDAKIS, Antonie. *Aristóteles e a educação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- RAMOS, César Augusto. Ética e política em Aristóteles. In: CANDIOTTO, Cesar. *Ética: abordagens e perspectivas*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 29-49.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação e ética no processo de construção da cidadania. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro (Org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. Campinas: Autores Associados: Histedbr, 2005. p. 137-154.

Recebido em: 14/11/2017

Aceite em: 17/07/18